

#05 MAIO. JUN. JUL. AGO. 2026

ame

REVISTA

saúde & espiritualidade

A máquina divina:
os limites da abordagem
fiscalista da relação
mente-corpo

Editorial

ame
REVISTA
saúde & espiritualidade

Revista AME – Saúde & Espiritualidade

Periodicidade

Quadrimestral

Publicação eletrônica da

Associação Médico-Espírita do Brasil
(AME-Brasil)

Telefone: (11) 2574.8696

Home-Page: www.amebrasil.org.br

Email: amebrasil@amebrasil.com

Editores responsáveis

Antônia Marilene da Silva

Carlos Eduardo Accioly Durgante

Produção e arte final

Dimitrius Gutierrez | Jimmy Marte

Revisão de textos

Gaia Revisão Textual

Conselho editorial

Emanuel Burck dos Santos

Marcelo Saad

Marianna Costa

A existência ressignificada pela espiritualidade

No dia 8 de julho, celebra-se o Dia Nacional da Ciência (Lei n. 10.221/2001) e o Dia Nacional do Pesquisador Científico (Lei n. 11.807/2008). Celebramos neste dia a conquista realizada pelos centros de pesquisa em universidades no Brasil e no mundo dedicados ao estudo da espiritualidade e da saúde, um tema considerado fora do contexto da investigação científica há algumas décadas.

O tema *espiritualidade e saúde* tem atraído profissionais de outras áreas na busca da compreensão de si mesmos e de como ela se envolve em todos os setores da vida, impactando a saúde. A espiritualidade não necessita de vinculação a religiões, mesmo que sabidamente as religiões estabeleçam pontes para a sua construção.

Existem conceituações de espiritualidade utilizadas no contexto de artigos científicos, mas aqui trazemos uma forma prática e compreensível ao público leigo: espiritualidade é a vivência construída pela perseverança em nosso melhoramento, no comprometimento com a família, no olhar compassivo ao desconhecido que pede esmola em cada esquina, na dedicação ao exercício profissional, no convívio religioso, no desenvolvimento da resiliência, sem esquecer-se do autoperdão.

Expediente

A espiritualidade bem compreendida traz o entendimento da vida em todos os momentos, sejam de alegrias ou de tristezas, conferindo-nos a capacidade de utilizar os melhores recursos ao nosso alcance.

Nesta edição, iniciamos um ciclo de estudos sobre espiritualidade, saúde, convivência e qualidade de vida.

Boa leitura!

Antônia Marilene da Silva

Referências

BRASIL. Lei n. 10.221, de 18 de abril de 2001.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110221.htm. Acesso em: 30 jul. 2026.

BRASIL. Lei n. 11.807, de 13 de novembro de

2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111807.htm. Acesso em: 30 jul. 2026.

Sumário

04

A espiritualidade na vida da mulher

Adriana Queiroz Arantes

09

A máquina divina: os limites da abordagem fisicalista da relação mente-corpo (Parte 1)

Arandir Calheiros

16

AME-Jataí: quando um sonho renasce para servir

Marcelo Melo Martins

22

O prognóstico médico contemporâneo à luz da espiritualidade

Paulo de Tarso Müller

26

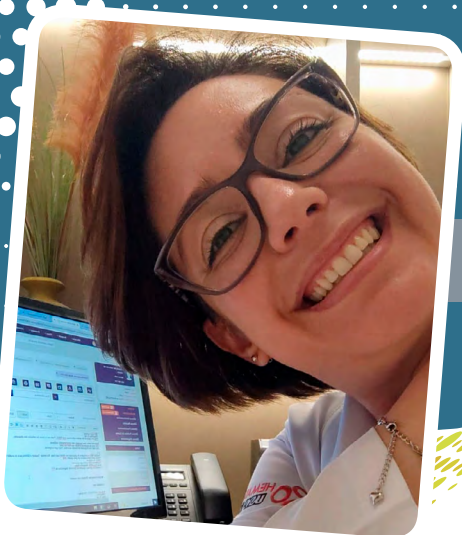
Lançamento da obra A lucidez do Espírito: o envelhecimento e os desafios da psique

Roberto Lúcio Vieira de Souza

30

Pensamentos, emoções e reações imunológicas

Lorena de Castro Diniz



Adriana Queiroz Arantes

Mestra em Ciências e docente do curso de Medicina da UFJ. Vice-presidente da AME-Jataí.

A espiritualidade na vida da mulher

De tempos em tempos, a humanidade é contemplada com enviados celestiais que nos relembram a abundante misericórdia de nosso Pai Celestial. O Espírito de Verdade, por meio do abençoado mensageiro da Codificação, nos informa que os Espíritos do Senhor se espalham sobre toda a Terra, como um imenso exército, semelhantes às estrelas do céu, iluminando nossos caminhos (Kardec, 2019, prefácio).

Assim, ao refletirmos sobre o universo da alma feminina, é impossível não nos remetermos ao mais puro modelo de mulher que a humanidade recebeu, a fim de que, por meio dela, fosse possível a imersão do Radiante Astro nos caminhos do mundo. Maria de Nazaré é o doce anjo celestial que o planeta acolheu, vindo das

mais sublimes esferas, especialmente eleita para oferecer colo seguro ao nosso Mestre Jesus (Miramez, 2025).

Em meio às durezas do mundo, aos corações petrificados e insensíveis, desce dos céus a flor delicada da virtude e da benevolência, lapidada pelo puro amor, para servir fielmente à humanidade (Miramez, 2025). Maria configura-se como estandarte de segurança para todas as criaturas e um espelho para todas as mulheres.

Sua vida foi pautada em vivenciar os ensinamentos de Jesus, empenhando todos os seus esforços a fim de ampliar sua Lei de Amor, trabalhando na mais profunda simplicidade, em plena harmonia de sentimentos. Renunciou a si mesma em todas as circunstâncias, viveu o Calvário no silêncio

do coração, simplesmente sentindo o acolhimento do Senhor (Miramez, 2025). Maria de Nazaré compreendeu com responsabilidade a sua missão divina. É desafiador ainda, para nossa capacidade intelectual incipiente, conseguir compreender tamanha renúncia em favor de um ideal.

Como já nos foi sinalizado, são chegados os tempos de restabelecer o verdadeiro sentido a todas as coisas (Kardec, 2019, prefácio). Eis o terceiro milênio, eis o momento do despertar espiritual. São tempos árduos de testemunho e convites à renovação, nos impulsionando a ampliar nosso olhar para além da matéria. Eis a preciosa oportunidade!

Na atualidade, em meio aos progressos de ordem material e intelectual já consolidados, a mulher assumiu múltiplas funções e hoje vive desafiadora realidade, envolta na ambiguidade de conquistas sociais admiráveis à custa de árduas exigências e incontáveis demandas.

A mulher é morada de tantos “eus”; é filha, companheira, esposa, mãe, amiga, educadora, profissional e muitas mais. A mulher é um ser real, ser humano comum e perfectível, e, por assim ser, digna do amor maior (Migliari, 2019). Urge resgatar as funções sagradas da mulher como ser sublime que é. Funções essas que diferem das do homem, mas nem por isso se caracterizam como inferiores (Kardec, 2022, questões n. 817-822a). Homens e mulheres se complementam, como almas equivalentes e inseparáveis (Denis, 2000, cap. VII, Primeira Parte).



Atravessando eras rudes de aprendizado, a humanidade tem cometido, recorrentemente, incoerências e injustiças contra o coração feminino, tolhendo, por séculos a fio, suas mais belas aptidões. Nesse contexto, refletimos sobre o papel sagrado da mulher como instrumento de evolução da humanidade. Recordemos que a mulher é fruto da Criação Divina.

Os ensinamentos da Codificação trazem à luz a destinação da mulher como aquela que nos confere as primeiras noções da vida (Kardec, 2022, questões n. 817-822a). Deus concede à mulher menor força física, mas, ao mesmo tempo, maior sensibilidade apropriada à delicadeza do cuidar (Kardec, 2022, questões n. 817-822a).

A experiência reencarnatória em um corpo feminino proporciona vivências ímpares ao Espírito em aperfeiçoamento. A energia feminina ombreia na igualdade de valores com a energia masculina e equilibra as duas metades, em espírito de cooperação e conciliação na edificação da verdadeira vida. O espírito encarnado na experiência feminina, ao espiritualizar-se, amplia percepções sutis e intuições profundas, desenvolve sensibilidade aguçada e extraordinário potencial de resiliência e doçura.

A alma feminina, terna, dedicada, abnegada e modesta, torna-se foco irradiador dos mais nobres sentimentos, cumprindo sua sublime função mediadora da união entre a Terra e o Céu (Denis, 2000, cap. VII, Primeira Parte). A espiritualidade da mulher, bem sentida e bem vivida, pautada na fé e na oração, confere ao Espírito em evolução



maturidade do senso moral e uma percepção mais clara do futuro.

A mulher espiritualizada perscruta suas próprias imperfeições, acolhe-as na sua incompletude, com sabedoria, respeito e honra, e se dedica sem cessar ao seu caminho educativo, tornando-se inspiração para aqueles com quem compartilha os passos (Migliari, 2019). Além disso, reconhece-se como depositária dos bens mais preciosos de Deus, afina a sensibilidade no sentir e no olhar e torna-se capaz de vislumbrar o tesouro resplandecente que habita em cada coração que lhe é confiado pelo Artista Supremo da Criação.

Nas adversidades, sabe compreender que Deus confia nela e, por isso, na Sua Abundância, a sustenta com Seu Amor infinito. Ela se posiciona como Espírito em evolução e compreende que o deserto é o facho de luz purificadora da caminhada terrena. Permeada pelo assentimento e pela resiliência, entende a função pedagógica dos testemunhos anônimos na forja do caráter e da robustez moral.

A mulher espiritualizada é a boa terra; escuta e entende o chamado ao dever, guiada pela consciência, sua guardiã; coloca-se como instrumento puro de intenções, vigia, esforça-se e rende frutos (Kardec, 2019, cap. 17). Compreende que o verdadeiro movimento de libertação do Espírito nasce internamente e que o florescimento se dá pelas mãos no servir.

Assim, transmutada pela serenidade do dever cumprido, desfruta de fontes inesgotáveis de consolações que jorram do mais elevado Céu, ofertando ao seu delicado coração as alegrias genuínas que alimentam o Espírito e promovem o vigor para a alma. A espiritualidade restitui à mulher a sua preciosa função no lar e na sociedade, conferindo o protagonismo de agente transformador, modelador da alma das gerações (Denis, 2000, cap. VII, Primeira Parte).

Maria de Nazaré escreveu uma página de luz na história dos povos; ela é uma chama universal que sustenta a esperança em todas as criaturas (Miramez, 2025). Ela é o nosso exemplo encorajador de que podemos aprender, mesmo e especialmente nos convites dolorosos. Ela nos mostra o valor do amor, entrelaçado à fraternidade, e é o maior símbolo de confiança no amparo e no amor sublime de Deus.

Guiando-nos pela sua essência de perseverança e lealdade, seguimos, ainda que com passos instáveis, permeados em gratidão e certos de que o amparo de Deus se faz presente a todo momento, especialmente no seu silêncio, que fala alto à nossa consciência em perene evolução. Somente na paz do silêncio interior é possível escutar Jesus, o excelso médico das almas.

Não se trata mais de viver expectativas, mas de edificar a fortaleza interior por meio do amadurecimento do compromisso individual. O que nos compete é transformar palavras em atitudes. Agir com coerência de pensamentos e sentimentos.

Que sejamos compassivos com as nossas limitações e com as do próximo. Seja no lar singelo, seja na abundância, nos ambientes de simplicidade ou de instrução, que aprendamos a servir no simples, com humildade, devotamento e inteireza.

Que possamos nos entregar de coração puro, fiéis ao Cristo, nas nossas atividades comuns do cotidiano.

Que testemunhemos com coragem.

Que tenhamos entendimento para compreender o que ele nos pede subliminarmente.

Que as nossas mãos estejam firmes na vontade para o trabalho digno e generoso.

Que nossos corações encontrem o caminho do perdão.

Que com humildade reconheçamos nossa condição de seres em aprendizado, sinceros diante das nossas imperfeições, comprometidos com nossa edificação íntima e dispostos a servir no bem.

Eis o caminho da cura espiritual. É somente promovendo o amor que encontraremos a paz das nossas consciências (Kardec, 2022, questão n. 621).

Que nos lembremos das palavras de Jesus: “O reino dos céus está dentro de vós” (Lc 17, 20-21).

Referências

BÍBLIA SAGRADA. **O Novo Testamento**. Tradução de Haroldo Dutra Dias. Brasília, DF: FEB, 2013.

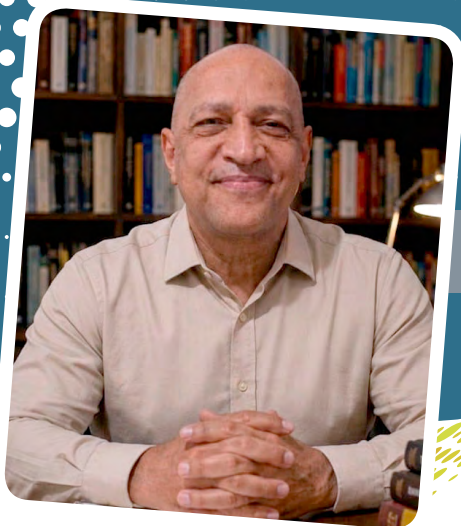
DENIS, Léon. **No invisível**. 19. ed. Brasília, DF: FEB, 2000.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 131. ed. Brasília, DF: FEB, 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/WEB-O-Evangelho-segundo-o-Espiritismo-Guillon.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2026.

KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Brasília, DF: FEB, 2022.

MIGLIARI, Daniela. **Abraço à sombra: encontros que acolhem e iluminam a infância espiritual**. 2. ed. Brasília, DF: Tagore Editora, 2019.

MIRAMEZ (Espírito). **Maria de Nazaré**. Psicografado por João Nunes Maia. Belo Horizonte: Editora Espírita Fonte Viva, 2025.



Arandir Calheiros

Mestre em Matemática Aplicada/Física Matemática.
Membro da AME-DF.

A máquina divina: os limites da abordagem fisicalista da relação mente-corpo (Parte 1)

N Em *Os mensageiros*, André Luiz (2020, cap. 49) apresenta o caso de Fernando: um homem em coma terminal por leucemia, observado por ele sob a orientação do instrutor espiritual Aniceto, que lhe amplia a percepção para revelar o organismo agozante por dentro – a “defesa organizada” cedendo a “sabotadores infinitesimais”, e, no centro do crânio, a atividade da mente na forma de “foco de luz mortiça”.

É nesse contexto que Aniceto nomeia o corpo de “a máquina divina”, erguida sobre um “molde espiritual preexistente”, em que “cada célula é minúsculo motor, trabalhando ao impulso mental” e “a combustão

química obedece ao senso espiritual que dirige a vida organizada”. Nessa descrição da relação mente-cérebro, a falência corresponde à perda de governo: o moribundo “tentava readquirir a direção dos fenômenos orgânicos, mas em vão”. Aniceto resume o quadro assim: “este nosso amigo não se está desencarnando, está sendo expulso da divina máquina”.

Assistido por sua mãe desencarnada e por um médico espiritual, Fernando permaneceu “absolutamente preso às sensações de sofrimento físico” até que Aniceto concluísse o desligamento – operação complexa e progressiva.



Há pelo menos duas leituras possíveis desse texto de *Os mensageiros*, como veremos na sequência.

Leitura fisicalista (eliminativista ou redutiva)

A leitura fisicalista trata o capítulo 49 como uma descrição pré-científica, em linguagem figurada, de processos que são, na realidade, inteiramente neuroquímicos. “Senso espiritual”, “máquina divina”, “luz mortíça” são metáforas vernaculares para fenômenos que a neurociência e a bioquímica já descrevem sem resíduo. Não há, nesse texto, nada que a física, a biologia e a filosofia da mente precisem conceder além do que já concedem; o texto é traduzível sem perda para vocabulário inteiramente físico, e qualquer resíduo de sentido que não se traduza é simplesmente descartado como erro ou figura de linguagem.

Vale lembrar que resíduos sempre estão presentes quando a máquina nomológica fisicalista é aplicada a problemas reais que envolvem a mente humana em algum grau.

Leitura doutrinária

Já a leitura doutrinária trata o texto mediúnico como relato fidedigno de uma realidade espiritual objetiva, descrita por quem tinha acesso perceptivo e epistemológico direto a ela. A pergunta relevante aqui não é “o que isso exige da física”, e sim “o que isso nos ensina, ou elucida, sobre a relação Espírito-corpo”.

A autoridade do texto deriva da fonte (médium, autor espiritual), compatibilidade com o corpo doutrinário consolidado e coerência interna. A concordância com o estado atual da ciência não é necessária, salvo nos casos em que ocorra apropriação para uso doutrinário de conceitos da ciência, como massa, força, energia etc. A leitura doutrinária padrão, partindo de Kardec, prevê pontes com a ciência:

Assim como a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. *O Espiritismo e a ciência se completam reciprocamente*; a ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a ciência, faltariam apoio e comprovação (Kardec, 2019, cap. I, item 16).

Proposições inferidas de princípios doutrinários, que sob escrutínio se mostrem em contradição com o *corpus* consolidado da ciência, ou proposições que incluam uso de conceitos da ciência em divergência com o uso normal deles, deveriam ser rejeitadas, ou deixadas em suspenso. No entanto, se um Espiritismo sem ciência é um Espiritismo sem comprovação, como se verificaria essa comprovação? A que critérios ela deveria atender? Kardec atribuiu à ciência, em todas as suas instâncias, o papel de árbitro em matéria doutrinária? Isso permitiria, por exemplo, refutar a descrição do processo mente-corpo apresentado em *Os mensageiros*, com base em premissas fisicalistas?

No caminho de estabelecer em que termos a ciência poderia oferecer comprovação ao Espiritismo, afirmemos com todas as letras: a ciência não tem jurisdição nem meios para arbitrar verdade/falsidade de proposições espíritas sobre conteúdos pertinentes à dimensão espiritual da realidade, que integram o “objeto especial do Espiritismo”. Não há condições de responder, no campo da ciência, se proposições sobre o perispírito, por exemplo, são verdadeiras ou falsas, porque a investigação correspondente está, por princípio, fora do alcance legítimo do método científico tal como ele opera.

A ciência tem competência para avaliar enunciados sobre regularidades empiricamente acessíveis, quando verificadas dentro do aparato conceitual desenvolvido por cada um de seus campos de investigação da natureza; não tem competência demonstrada para arbitrar a verdade ou falsidade de afirmações sobre uma ontologia espiritualista que, por definição, excede o que os instrumentos da ciência convencional foram desenhados para detectar.

Feitas essas qualificações sobre a natureza da relação entre Espiritismo e ciência, fica clara a seguinte afirmação de Kardec: “Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará” (Kardec, 2019, cap. I, item 55). Aceitação, porém, não implica subjugação, mas

exame crítico e assimilação. E assimilar, muitas vezes, é transmutar.

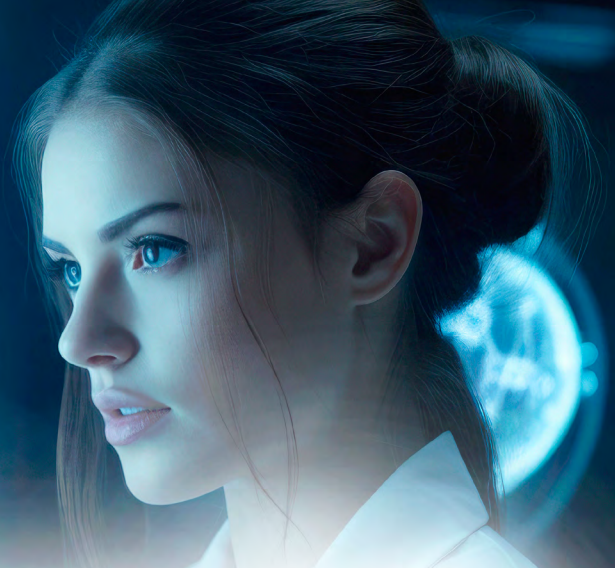
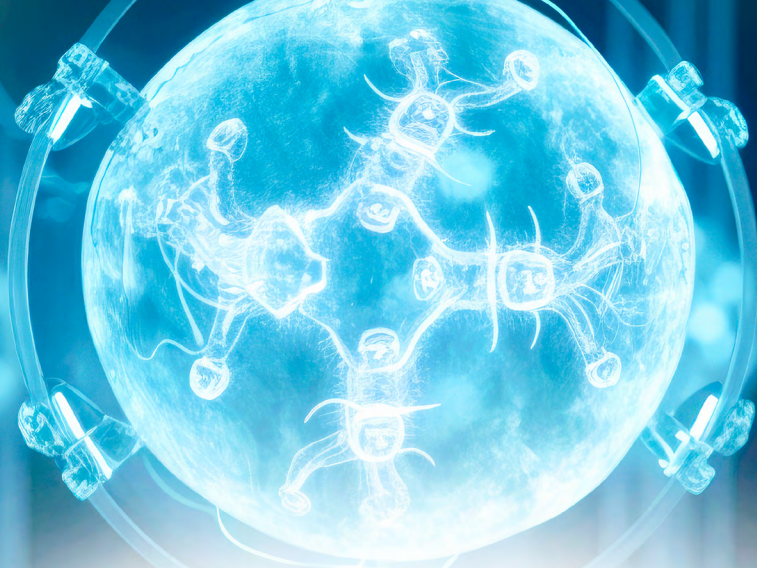
A pergunta que orienta o que se segue é simples de formular e difícil de responder com rigor: que tipo de relação, exatamente, o capítulo 49 de *Os mensageiros* está descrevendo entre o Espírito que dirige e o corpo que é dirigido, e o que essa descrição exige, ou não exige, da física, da biologia, da química, da filosofia da mente, tal como as conhecemos?

Há três possibilidades para as respostas a essa pergunta:

- nenhuma contradição – os construtos espíritas e a ciência estabelecida coexistem sem atrito lógico-conceitual;
- contradição solúvel – surge tensão lógico-conceitual, mas ela se resolve por uma ampliação da ciência (inclusão de novos processos/conceitos) que é ela mesma cientificamente possível;
- ou contradição insolúvel – a tensão persiste mesmo sob ampliação cientificamente legítima.

Máquinas nomológicas

Há uma crença comum, raramente examinada, de que as leis da física são verdades universais – válidas sempre, em qualquer lugar, sem exceção. Essa crença se encontra na base do programa do fisicalismo, que é a doutrina metafísica segundo a qual a física é o fundamento único de toda ciência e seu método deve condicionar o método da



ciência em geral. Segundo essa doutrina, qualquer fenômeno real, inclusive os mentais, deve, em princípio, reduzir-se à física. A estrutura desse programa pode ser resumida em quatro teses encadeadas:

- identidade tipo-tipo – cada tipo de estado mental é idêntico a um tipo de estado físico-cerebral, não apenas correlacionado com ele: dor é disparo de fibras-C, não meramente acompanhada por ele;
- fechamento causal do físico – todo evento físico tem causa física suficiente; nenhuma causa de fora do domínio físico pode produzir efeito físico, sob pena de violar leis de conservação já estabelecidas;
- universalidade sem exceção – a identidade tipo-tipo vale em todo caso, sem exceção local: não há margem para resíduo explicativo que a física, em princípio, não possa eventualmente preencher.
- redução nomológica – a explicação legítima de qualquer fenômeno mental deve, em última instância, derivar-se logicamente de leis físicas universais e condições iniciais, no modelo formulado por Hempel e Oppenheim (1948).

A filósofa da ciência Nancy Cartwright (1999; 2022) propõe outra perspectiva: leis científicas exatas não descrevem como o universo sempre se comporta; as regularidades que elas enunciam só se manifestam em arranjos específicos, muitas vezes raros ou deliberadamente construídos, que ela chama de máquinas nomológicas.

Um exemplo cotidiano fixa a ideia. Dizer que “aspirina alivia dor de cabeça” não significa que toda aspirina, em toda circunstância, sempre aliviará toda dor de cabeça, e sim que a aspirina carrega uma capacidade estável, que se manifesta como regularidade observável quando as condições são adequadas, e que pode falhar de manifestar-se quando outros fatores interferem. Um laboratório produz resultados replicáveis porque é um ambiente construído para isolar uma capacidade específica de interferências, e não porque o mundo, fora do laboratório, opere com a mesma regularidade exata.

Toda máquina nomológica exige três componentes: capacidades estáveis (os poderes que cada componente carrega de situação para situação); um arranjo fixo (a organização que permite a essas capacidades interagir de modo previsível); e blindagem (proteção contra interferência externa não contabilizada) (Cartwright, 1999, p. 53; 88).

Tabela 1 – Exemplos de máquinas nomológicas em diferentes domínios

Exemplo	Capacidades estáveis	Arranjo fixo	Blindagem
Corpo em queda livre	Aceleração sob gravidade	Trajectoria vertical	Ausência de resistência do ar
Sistema solar	Atração gravitacional mútua dos corpos	Disposição orbital	Vazio interestelar, ausência de perturbação externa
Satélite GPS	Propagação de sinal a velocidade constante	Constelação orbital fixa	Ausência de atrito atmosférico
Sinapse de <i>Aplysia</i> em laboratório	Plasticidade sináptica (aprendizagem)	Circuito neural isolado	Ausência de interferência de outros estímulos do organismo intacto

A máquina nomológica fisicalista

Examinado como máquina nomológica, o fisicalismo tem a seguinte estrutura:

- capacidades estáveis – mecanismos físico-químicos: disparos sinápticos, gradientes iônicos, liberação de neurotransmissores; nenhuma capacidade adicional, de qualquer outra natureza, é admitida como real.
- arranjo fixo – é a arquitetura do sistema nervoso central, cuja organização anatômica basta, por hipótese, para produzir todo o repertório de estados mentais observáveis, sem resíduo a explicar fora dela;

- blindagem – em ciência, as máquinas nomológicas conhecidas só protegem contra interferência específica e local, como a resistência do ar ou a vibração externa, compensadas por algum mecanismo inerente ao desenho experimental, claramente colocado. Na máquina fisicalista, toda interferência de fonte não física é impossível por princípio. É uma blindagem total, universal e sem exceção, portanto imune a qualquer programa de verificação caso a caso, em que as anomalias são enquadradas como falhas de explicação, jamais exceções à lei em estudo.

Essa blindagem é tensionada por classes de dados que a literatura científica já registra: a lucidez terminal em pacientes com demência avançada, a preservação de função cognitiva em casos extremos de neuroplasticidade, a percepção relatada sob protocolo controlado durante parada cardíaca. Cada uma dessas classes desafia um dos três componentes da máquina fisicalista, ou seja, blindagem, arranjo e capacidade estável, respectivamente.

Na Parte II deste estudo, examinaremos esses dados.

Conclusão da Parte I

Examinado com o mesmo rigor que se aplicaria a qualquer outra máquina nomológica, o fisicalismo revela uma blindagem de tipo distinto de todas as demais: não local e contingente, como a câmara isolada de um experimento ou a ausência de atrito que permite a um satélite calcular sua posição, mas total e postulada *a priori*, imune por definição a qualquer dado que a desafie. Essa diferença revela que a máquina fisicalista não está sujeita ao mesmo padrão de testabilidade que ela própria exige de qualquer hipótese concorrente e que a metodologia científica exige como condição.

Na continuidade deste artigo, tomaremos como ponto de partida as classes de dados aqui nomeadas: lucidez terminal, neuroplasticidade extrema e percepção em circunstância de parada cardíaca. Examinaremos a insuficiência da abordagem fisicalista dessas classes (exclusão metodológica),

respondendo à pergunta: que máquina nomológica, isto é, que capacidades, que arranjo, que condições de blindagem, se desenha quando se toma como dado, e não como anomalia a descartar, a descrição que o capítulo 49 de *Os mensageiros* oferece da relação entre mente e corpo? Essa é tarefa à qual a Parte II se dedica.

Referências

CARTWRIGHT, Nancy. **A Philosopher Looks at Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

CARTWRIGHT, Nancy. **The Dappled World: A Study of the Boundaries of Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

HEMPEL, Carl G.; OPPENHEIM, Paul. Studies in the Logic of Explanation. **Philosophy of Science**, v. 15, n. 2, p. 135-175, 1948.

KARDEC, Allan. **A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo**. 53. ed. 8. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/WEB-A-Genese-Guillon.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2026.

LUIZ, André (Espírito). **Os mensageiros**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 47. ed. Brasília, DF: FEB, 2020. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 2).



Marcelo Melo Martins

Cardiologista, com subespecialização em Métodos Gráficos e Ergometria (INCOR). Presidente da AME-Jataí.

AME-Jataí: quando um sonho renasce para servir

Um sonho que nunca morreu

Existem instituições que nascem da iniciativa humana. Outras parecem surgir muito antes de sua fundação oficial, como sementes silenciosamente plantadas pela Providência Divina. Hoje, ao revisitar a trajetória da Associação Médico-Espírita de Jataí (AME-Jataí), de Goiás, tenho a impressão de que nossa história pertence à segunda categoria.

No final da minha residência em Cardiologia, em São José do Rio Preto/SP, participei de um evento em Goiânia, no qual conheci a Dra. Marlene Nobre. Foi

meu primeiro contato com o movimento médico-espírita brasileiro e um momento marcante de minha trajetória, simbolizado pelo autógrafo em seu livro *Nossa vida no além*. Naquele encontro, compreendi que as AMEs promoviam a integração entre ciência, espiritualidade e o estudo do ser humano em sua integralidade.

Em 2012, após concluir minha especialização em Cardiologia, retornei à minha cidade natal, Jataí/GO, para iniciar minha vida profissional. Mesmo distante dos grandes centros, continuei acompanhando as atividades da AME-Brasil por meio de suas publicações, palestras e obras, fortalecendo

o desejo de ver esse movimento também presente em nossa cidade. Paralelamente, permaneci atuando no Movimento Espírita como palestrante e estudioso da Doutrina Espírita. Foi nesse período que estreitei minha amizade com o Dr. Luiz Carlos Bandeira Santos Júnior, médico ortopedista e dedicado trabalhador da causa.

Curiosamente, o ponto de partida para a criação da AME-Jataí surgiu de forma espontânea. Fomos convidados para participar de um podcast do canal *Sintonia do bem* e, durante a conversa, percebemos que compartilhávamos o mesmo ideal: fundar uma AME em Jataí. A entrevista tornou-se o impulso definitivo para transformar esse antigo sonho em realidade. Nos meses seguintes, iniciamos as reuniões preparatórias, reunindo colegas interessados, estudando o estatuto da AME-Brasil e organizando a estrutura necessária para a fundação da associação.

Após cerca de quatro meses de preparação, realizamos, em 7 de agosto de 2018, a Assembleia de Fundação da AME-Jataí, com aprovação do Estatuto Social e eleição da primeira diretoria. Desde sua criação, a AME-Jataí reuniu profissionais de diferentes áreas da saúde e estudantes interessados em aprofundar o estudo da interface entre ciência, medicina e espiritualidade, promovendo encontros mensais de estudo, reflexão e convivência fraterna.

Entretanto, poucos meses depois, fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19 e, como tantas instituições, adaptamos rapidamente nossas atividades para o formato virtual. Embora as reuniões online fossem mantidas, a participação diminuiu progressivamente diante do desgaste emocional dos profissionais da saúde e do isolamento social.



Mesmo assim, procuramos manter viva a AME-Jataí. Durante várias semanas, conduzi praticamente sozinho os encontros virtuais, na esperança de que, superado aquele período, os participantes voltassem às atividades, mas, infelizmente, isso não aconteceu. Com a redução contínua da participação, suspendemos as atividades da AME-Jataí em 18 de abril de 2022.

O que mais me entristecia não era o fechamento da associação em si, e sim perceber que, justamente durante um dos períodos em que a humanidade mais necessitava de esperança, consolo e espiritualidade, não conseguimos manter viva nossa proposta de estudo e convivência fraterna. Esse sentimento permaneceu comigo durante muito tempo. Naquele momento, parecia o fim de um sonho. Hoje compreendo que foi apenas um período de silêncio necessário para preparar um novo começo.

Quando Deus abre os caminhos

Após o encerramento das atividades da AME-Jataí, em abril de 2022, segui no Movimento Espírita como trabalhador e palestrante no Lar Espírita Forças do Amor, em Jataí. Embora a associação permanecesse inativa, o sonho de reativá-la permanecia vivo.

No segundo semestre de 2025, recebi uma ligação que mudaria novamente essa história. A Dra. Márcia Léon, da AME-Planoalto, entrou em contato para conversarmos sobre a reativação da AME-Jataí. Como eu estava prestes a participar do Congresso

Europeu de Cardiologia, em Madri, combinamos retomar o assunto após meu retorno ao Brasil. Entretanto, os planos tomaram um rumo completamente diferente.

Pouco depois do retorno ao Brasil, comecei a apresentar febre persistente, calafrios e dispneia, inicialmente atribuídos a uma sinusite. Com a piora do quadro, vieram internações, exames laboratoriais com marcadores inflamatórios elevados, avaliações com diferentes especialistas e sucessivas tentativas de tratamento. Diante da persistência dos sintomas, procurei atendimento em São Paulo, onde fui submetido a uma investigação ampla, incluindo exames de alta complexidade, como PET-CT. Apesar das hipóteses consideradas, infecciosas, reumatológicas e neoplásicas, nenhuma causa física definitiva foi encontrada. A incerteza era angustiante.

Foi justamente durante esse período que comecei a compreender o significado do convite para reativar a AME-Jataí. Talvez aquela também fosse uma resposta que eu precisava encontrar. Naturalmente, naquele momento, minha prioridade era recuperar a saúde. Contudo, durante essa experiência, vivi momentos de profunda reflexão espiritual. Recebi muito apoio por meio das orações, do carinho dos familiares, dos amigos e dos companheiros da casa espírita. Interiormente, fortalecia-se em mim a convicção de que aquele período difícil também me convidava a rever prioridades e retomar compromissos que, por circunstâncias da vida, haviam sido interrompidos.

Passei a compreender aquela experiência não apenas como um desafio físico, mas também como uma oportunidade de crescimento interior. Em vez de enxergar somente a enfermidade, comecei a perceber que talvez estivesse sendo chamado novamente ao trabalho. Durante anos, em palestras e estudos, repeti inúmeras vezes que as doenças podem representar oportunidades de aprendizado e transformação. Até que chegou minha própria vez de viver essa experiência. Foi somente quando adoeci que compreendi, de forma muito mais profunda, aquilo que tantas vezes havia ensinado aos outros.

Com a recuperação da saúde, retomei imediatamente os contatos com a Dra. Márcia Léon e com a Dra. Luciana Pineli. Em nossas primeiras conversas, surgiu uma proposta ousada: realizar em Jataí o ENCONTRAME Centro-Oeste, reunindo as AMEs da região. Sabíamos que seria um enorme desafio para um grupo que sequer havia retomado oficialmente suas atividades. Ao mesmo tempo, sentíamos que aquele poderia ser exatamente o impulso necessário para um novo começo. Aceitamos o desafio.

Encontramos apoio incondicional do Lar Espírita Forças do Amor e de inúmeros voluntários que abraçaram a causa com entusiasmo. Antigos companheiros voltaram a participar, novos colaboradores se aproximaram, e outros tantos passaram a integrar essa missão. Outros trabalhadores contribuíram generosamente para essa retomada. Seria impossível citar todos sem

correr o risco de cometer alguma injustiça, mas cada um deles ocupa um lugar especial nessa história.

O ENCONTRAME Centro-Oeste, realizado em Jataí no feriado de 1º de maio de 2026, superou todas as nossas expectativas. Mais do que um evento científico e espiritual, representou um reencontro de propósitos e confirmou que a AME-Jataí estava pronta para renascer. Poucos dias depois, em 12 de maio de 2026, no Lar Espírita Forças do Amor, realizamos oficialmente a primeira reunião da nova fase da AME-Jataí. Naquele momento, compreendemos que Deus nunca havia fechado as portas. Apenas estava preparando o tempo certo para reabri-las.

Os desafios que moldam a missão

Ao longo dessa caminhada, aprendi que os desafios enfrentados pela AME-Jataí não eram exclusivos da nossa realidade. Durante muito tempo, imaginei que nossas dificuldades fossem consequência de sermos uma associação pequena, localizada em uma cidade do interior, com poucos profissionais disponíveis e inúmeras limitações.

As dificuldades eram muitas: reunir colegas médicos em meio às agendas sobrecarregadas, conciliar horários, manter a participação contínua dos membros, despertar o interesse de novos colaboradores e preservar o entusiasmo ao longo do tempo. Em diversos momentos, pensei que

talvez estivéssemos enfrentando obstáculos incomuns. Entretanto, à medida que fui conhecendo outras AMEs, essa percepção começou a mudar. Ainda na primeira fase da AME-Jataí, tive a oportunidade de conversar com dirigentes de outras instituições e descobri que muitos vivenciavam desafios semelhantes.

Essa certeza foi consolidada durante o ENCONTRAME Centro-Oeste, realizado em Jataí. Em conversas com o Dr. Décio Iandoli (AME-MS), Dr. Carlos Roberto (AME-Campina Grande/Brasil) e representantes de diversas AMEs, já consolidadas ou em início de atividades, ouvimos relatos praticamente idênticos aos nossos. Independentemente do tempo de existência, do tamanho da cidade ou da estrutura da associação, as dificuldades eram as mesmas. Assim, compreendi uma lição importante: esses desafios fazem parte da própria natureza do trabalho médico-espírita.

Essa compreensão mudou completamente minha maneira de enxergar a missão. Em vez de lamentarmos as dificuldades, somos convidados a compreendê-las como parte do processo de construção. Não existe associação forte sem perseverança. Não existe trabalho duradouro sem dedicação contínua. A missão confiada às AMEs, inspirada pelo legado do Dr. Bezerra de Menezes, da Dra. Marlene Nobre e de tantos trabalhadores que nos antecederam, exige constância. Não podemos esperar as condições ideais para começar nem desistir quando surgem os primeiros obstáculos.



Outra lição importante foi compreender que uma AME não depende exclusivamente de médicos. Evidentemente, a presença de pelo menos dois médicos facilita sua constituição formal e fortalece sua identidade institucional. Entretanto, seu crescimento acontece pela soma de diferentes talentos. Farmacêuticos, fisioterapeutas, psicólogos, enfermeiros, dentistas, médicos-veterinários, estudantes e tantos outros profissionais compartilham dos mesmos ideais e enriquecem enormemente o trabalho desenvolvido. Essa nova fase da AME-Jataí também nos trouxe maior maturidade organizacional. Passamos a compreender que o crescimento não acontece por insistência, mas, sim, por coerência.

Recordo-me de uma frase frequentemente atribuída a Mário Quintana: “Não corra atrás das borboletas; cuide do seu jardim e elas virão até você”. Essa imagem traduz exatamente o que aprendemos. Nosso papel não é preocupar-nos excessivamente com números ou com a quantidade de participantes. Nosso dever é cuidar



do “jardim”: oferecer estudos de qualidade, incentivar a produção científica, estabelecer parcerias com as universidades, aproximar estudantes, fortalecer o vínculo entre ciência e espiritualidade e realizar encontros que realmente transformem as pessoas. Os trabalhadores virão naturalmente quando encontrarem um ambiente fértil para servir.

Foi também por essa razão que modificamos a dinâmica das reuniões. Antes mensais, passaram a ocorrer semanalmente. A maior frequência permitiu criar vínculos mais sólidos entre os participantes, favorecer a continuidade dos estudos e fortalecer o sentimento de pertencimento ao grupo. Ainda estamos dando os primeiros passos dessa nova fase. Somos, em muitos aspectos, uma associação que continua aprendendo. No entanto, hoje caminhamos com mais experiência, mais serenidade e, principalmente, com a certeza de que os desafios não representam um sinal de fracasso. Ao contrário, são parte do próprio caminho.

Durante o ENCONTRAME, uma frase do Dr. Décio Landoli marcou profundamente todos nós: “Estamos na fila”. Essa simples expressão resume uma grande lição. Cada trabalhador ocupa temporariamente um lugar na grande obra do bem. Se desistimos ou abandonamos nossa posição, outro trabalhador será chamado para continuar a tarefa. Isso nos convida a uma profunda reflexão: nossa responsabilidade não é comparar nosso trabalho com o dos outros, mas procurar desempenhar da melhor maneira possível a missão que nos foi confiada.

É com esse espírito que procuramos conduzir a AME-Jataí: sem a pretensão de realizar grandes feitos, mas com o compromisso diário de permanecer na fila, servindo enquanto Deus nos conceder essa oportunidade.

Hoje compreendo que Deus nunca quis apenas reabrir uma associação. Antes disso, preparou trabalhadores. A pandemia nos ensinou a fragilidade. A enfermidade me ensinou a humildade. A reabertura nos ensinou a perseverança. Talvez esse tenha sido o maior legado da AME-Jataí até aqui: compreender que as instituições permanecem quando seus trabalhadores amadurecem. Continuamos pequenos diante da grandiosidade da missão, mas profundamente confiantes de que, enquanto permanecermos fiéis ao ideal médico-espírita e ao compromisso de servir, Deus continuará conduzindo nossos passos.

A história da AME-Jataí ainda está sendo escrita. E, pela primeira vez, temos a serenidade de saber que ela nunca dependeu exclusivamente de nós.



Paulo de Tarso Müller

Médico pneumologista e professor titular no curso de Medicina da UFMS. Membro da AME-MS.

O prognóstico médico contemporâneo à luz da espiritualidade

Pela historiografia clássica, desde o tempo das pitonisas dos templos de Apolo e de Asclépio, já se observava a mediunidade a destilar vaticínios aos enfermos, oferecendo alívio e, sobretudo, sentido ao sofrimento humano. Muito antes de a medicina se organizar como técnica, a palavra oracular já exercia função prognóstica: unia destino, moralidade e cura numa mesma narrativa temporal.¹

Séculos depois, essa mesma intuição espiritual reaparece com singular profundidade na lição de Jesus Cristo, que, ao curar o enfermo, adverte: “Vê, estás curado; não

peques mais, para que não te aconteça coisa pior” (Jo 5, 14). Aqui, a doença surge como expressão de uma desarmonia da alma – o “pecado” entendido como desalinhamento moral –, e o prognóstico deixa de ser mera previsão biológica para tornar-se responsabilidade existencial. Curar-se não é apenas restaurar a matéria, mas reorientar o destino.

Contudo, quase 450 anos antes dessa advertência moral, Hipócrates de Cós, em seu “Prognōstikon” (Hippocrates, 1923), já estabelecia o eixo racional do cuidado ao afirmar que o bom médico deve “reconhecer o passado, compreender o presente e

¹ O autor declara ausência de conflito de interesse para as informações do presente artigo.

predizer o futuro”. Com ele, o prognóstico deixa o sagrado e adentra a observação sistemática da natureza, culminando hoje na avaliação clínica e fisiológica.

Essas visões não são opostas, e sim linguagens distintas para interpretar a mesma temporalidade do adoecer. Essa dupla tradição, moral e fisiológica, assemelha-se à própria biologia evolutiva: tal como numa árvore filogenética, certas interpretações perdem espaço enquanto outras emergem por adaptação, num processo contínuo de substituições e coevolução. O organismo muda, e os paradigmas também.

Assim, ao longo da história, moral e fisiologia foram tentativas sucessivas de compreender o mesmo fenômeno: a plasticidade do destino biológico. Contudo, a pergunta permanece a mesma: é possível anteciper o destino da vida?

É nesse ponto que a tradição espírita reaparece como continuidade natural dessa busca. Nas narrativas da série “A vida no mundo espiritual”, do Espírito André Luiz, encontram-se referências a planejamentos reencarnatórios e estimativas de tempo provável de existência (Luiz, 2001), não como fatalismos cronológicos, mas como projeções condicionais, dependentes de múltiplas variáveis biológicas, morais e ambientais.



E quais seriam essas variáveis? A ciência contemporânea oferece paralelos concretos. Estudos de genética populacional indicam que cerca de metade da longevidade humana possui contribuição herdável (Kozlov, 2026), enquanto o restante depende de estilo de vida, ambiente, fatores psicossociais e metabolismo. O futuro biológico, portanto, não é fixo, é construído.

Essa construção ocorre, em última instância, na intimidade celular. André Luiz descreve as mitocôndrias como “centrais microscópicas de força”, verdadeiras usinas energéticas nas quais se refletem as cargas felizes e infelizes da experiência humana. Essa metáfora, surpreendentemente, se aproxima do que hoje reconhecemos como integração entre estresse, inflamação, bioenergética e envelhecimento (Luiz, 2020).

Se a vida se decide no metabolismo, então avaliar a eficiência metabólica equivale, em parte, a estimar a própria reserva vital. É precisamente isso que a fisiologia clínica vem demonstrando. Entre milhares de marcadores prognósticos estudados isoladamente, poucos são tão consistentes quanto a capacidade máxima de utilização de oxigênio pelas mitocôndrias ($VO_2\text{máx}$). Esse índice integra coração, pulmões, circulação e mitocôndrias em uma única medida funcional. Por isso, a ergoespirometria consolidou-se como a principal ferramenta de fenotipagem metabólica de indivíduos doentes e saudáveis, mas com limitações bem conhecidas no campo prognóstico de doenças (Müller et al., 2023).

No sentido hipocrático do termo, ou seja, compreender o presente para antecipar o futuro, esses testes alcançam poder preditivo médio de 70-75% para mortalidade geral e morbidade cirúrgica, desempenho notável para a prática clínica. Ainda assim, algo permanece inexplicado: as variações individuais que escapam às equações.

Curiosamente, estados mentais como depressão, desesperança ou propósito de vida já demonstram impacto mensurável nos desfechos clínicos, embora raramente integrem os escores tradicionais multidimensionais de prognóstico. É aqui que ciência e espiritualidade deveriam voltar a se reunir, incorporando as antigas tradições morais e a tradição hipocrática de observar a natureza da doença.

O prognóstico deixa de ser sentença fisiológico-metabólica e passa a ser probabilidade dinâmica, resultado do diálogo entre herança biológica, fisiologia e escolhas existenciais. Por isso, talvez os índices do futuro, inclusive o $VO_2\text{máx}$, precisem transcender o corpo isolado e incorporar dimensões de sentido, espiritualidade e transformação interior. Isso não significa abandonar a fisiologia, mas, sim, completá-la, no sentido existencial dos preceitos da espiritualidade hoje aceitos nos círculos médicos.

Não são raros os casos em que indivíduos metabolicamente graves, ao reorganizarem a vida psíquica e encontrarem propósito, alteram de forma surpreendente a própria trajetória clínica: a curva do declínio se suaviza; o futuro se reabre, e o organismo revela-se mais do que um conjunto de variáveis bioquímicas.

Talvez as próximas décadas nos conduzam a uma medicina capaz de medir não apenas débito cardíaco ou eficiência mitocondrial, mas também esperança, significado e resiliência moral, uma ciência que una números e consciência. É nesse horizonte que se insere nosso trabalho.

Em 2026, um novo índice fisiológico abrangente, com implicações prognósticas – a eficiência ventilatória – será testado pela primeira vez em larga escala populacional. Desenvolvido em laboratório de fisiologia humana, será aplicado a milhares de participantes da coorte alemã SHIP (Study of Health in Pomerania), um dos estudos populacionais de saúde mais extensos e profundamente caracterizados em andamento no mundo (Study [...], 2026).

Os resultados iniciais são promissores, pois poderemos alcançar um poder preditivo acima de 80% para mortalidade nas doenças cardiovasculares. Entretanto, permanece uma lacuna: ainda medimos com precisão o coração, os pulmões e as mitocôndrias e muito pouco a dimensão psíquica que orienta escolhas e transformações. Talvez essa seja a verdadeira fronteira.

A medicina prognóstica do amanhã não será apenas a arte de quantificar o metabolismo, mas de integrar metabolismo e consciência; não apenas calcular probabilidades, mas compreender possibilidades. Porque, no fim, a eficiência da vida talvez não se expresse somente em litros de oxigênio por minuto, e sim na força invisível com que cada ser humano decide transformar a própria história.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

HIPPOCRATES. Prognostic. In: HIPPOCRATES. **Hippocrates**. Tradução de W.H.S. Jones. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923. v. II.

KOZLOV, Max. Longevity is in the genes: half of lifespan is heritable. **Nature**, v. 650, n. 8.101, p. 283-284, 2026. Doi: <https://doi.org/10.1038/d41586-026-00300-w>.

LUIZ, André. Evolução e metabolismo. In: LUIZ, André (Espírito). **Evolução em dois mundos**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília, DF: FEB, 2020. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 10). p. 40-43.

LUIZ, André. Preparação de experiências. In: LUIZ, André (Espírito). **Missionários da luz**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2001. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 3). p. 100-115.

MÜLLER, Paulo de Tarso; CHIAPPA, Gaspar Rogério; LAVENEZIANA, Pierantonio *et al.* Lung mechanical constraints: the Achilles' heel of excess exertional ventilation for prognosis assessment? **Journal of Applied Physiology**, v. 134, n. 2, p. 378-382, 2023. Doi: <https://doi.org/10.1152/jappphysiol.00059.2022>.

STUDY of Health in Pomerania. In: WIKIPEDIA: The free encyclopedia, 2026. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Study_of_Health_in_Pomerania. Acesso em: 30 jun. 2026.

Lançamento da obra

A lucidez do Espírito: o envelhecimento e os desafios da psique

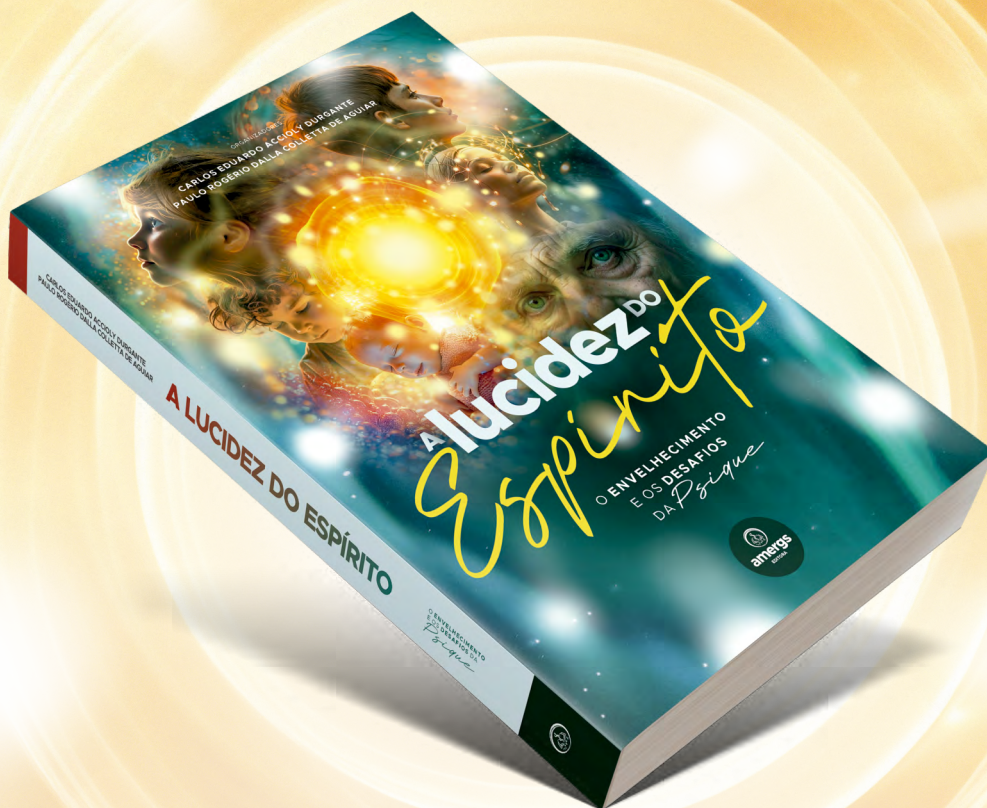
O geriatra Carlos Eduardo Accioly Durgante, diretor do Departamento Editorial da AME-Brasil, vice-presidente da AMERGS e coordenador da Editora AMERGS, e o psiquiatra e acupunturista Paulo Rogério Dalla Colletta de Aguiar, mestre em Ensino na Saúde (UFCSPA) e presidente da AMERGS, selecionaram especialistas experientes e de relevância em suas áreas profissionais e no meio espírita para escrever a obra *A lucidez do Espírito: o envelhecimento e os desafios da psique*.

Esse livro “percorre as experiências da infância ao envelhecimento, analisando as repercussões das primeiras vivências sobre a saúde mental na velhice e mostrando como trabalhar terapeuticamente para superar memórias negativas, promovendo maior bem-estar” (Souza, 2026). Além disso,

incentiva “a refletir sobre questões essenciais ao processo de reeducação espiritual que todos nos propomos a realizar” (Durgante; Aguiar, 2026).

A obra representa uma oportunidade ímpar tanto para os profissionais da saúde quanto para o público em geral, uma vez que traz informações científicas bem referenciadas em uma linguagem que une o vocabulário técnico aos conhecimentos espíritas, com base na Codificação kardequiana e em obras psicografadas por médiuns consagrados.

Com vistas a provocar o interesse do leitor e da leitora, foram separados alguns trechos da apresentação, escrita pelos organizadores, dessa obra esclarecedora e mensageira de grandes ensinamentos.



Os desafios da “longevidade”

A progressiva conquista da lucidez do Espírito, a nosso ver, percorre os ciclos da vida. Vai desde as incipientes conexões vibracionais intrauterinas – e mesmo anteriores a ela – até a idade da maturidade humana. Apesar de ser breve, se considerarmos que somos seres milenares, esse período traz profundas implicações para as sucessivas vidas que dependem desse aprendizado. Sim, desse exercício que tem como propósito maior a vivência coerente do Evangelho do Mestre Jesus!

À luz das verdades reveladas pela Doutrina Espírita, Léon Denis (2008, cap. IX, Primeira Parte) nos ensina que:

O objetivo da evolução, a razão de ser da vida, não é a felicidade terrestre – como muitos acreditam erroneamente –, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, e esse aperfeiçoamento devemos realizá-lo por meio do trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor, até que estejamos inteiramente desenvolvidos e elevados ao estado celeste.

A nossa passagem por mais esta experiência terrena não mais poderá privar-se da aquisição de sabedoria e virtudes. O nosso progresso moral se faz urgente! Em nenhuma outra existência tivemos tantas oportunidades para o aprendizado como estamos tendo nesta. Somos chamados ao despertar de uma consciência crística desde imemoráveis épocas. Na atualidade, com os

vastos recursos tecnológicos e humanos – como lives, vídeos, palestras presenciais e livros como este, entre tantos outros –, os sons dessa consciência estão reverberando com maior intensidade em nossos ouvidos, para que despertemos, o quanto antes, para a conquista dessa lucidez espiritual, dessa coerência em palavras, gestos, atos e atitudes.

Na maioria das vezes, a cada nova reencarnação, o tempo em que permaneceremos sob essa roupagem física tem se alongado cada vez mais. As razões para esse fenômeno são inúmeras e estão bem consolidadas pela ótica social, demográfica, antropológica, médica, tecnológica, entre outras. Em um olhar mais aprofundado, que transcende as questões da materialidade, entendemos que, da mesma forma que Gaia “pisa fundo no acelerador”, ou seja, que o nosso planeta Terra anseia por sua ascensão para um mundo moral e eticamente mais elevado, nós, como seus habitantes temporários, necessitamos de uma jornada longa.

O subtítulo deste livro, o envelhecimento e os desafios da psique, busca provocar reflexões e suscitar questionamentos a respeito do imenso desafio de envelhecer nesses atribulados tempos modernos, sem comprometer os compromissos evolutivos do Espírito imortal que trazemos para esta longa travessia.

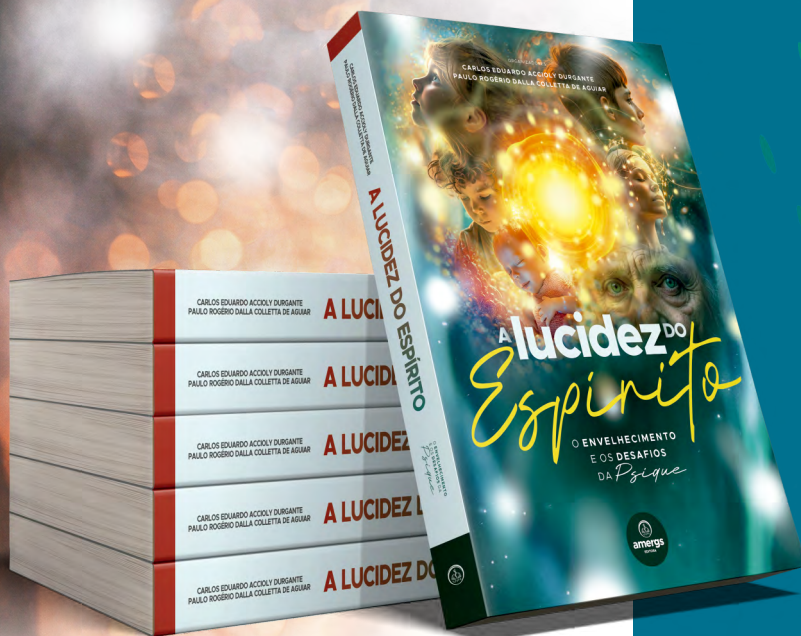
Acreditamos que a compreensão da pluralidade das existências da alma, à luz da Doutrina Espírita, poderá contribuir decisivamente para que esse Espírito se



mantenha lúcido, ativo e entusiasmado com os propósitos que cada etapa da vida lhe apresentar, especialmente nesta última estação, a da maturidade do Espírito. Sim, a velhice, que Léon Denis (2014, cap. XV, Terceira Parte) carinhosamente denominou de “sentinela avançada, na extrema fronteira da vida”.

O veículo corpóreo, que ora permite a expressão das infinitas possibilidades que a chama divina de cada um é capaz de expandir para si próprio e para o Universo que o cerca, não pode ficar limitado pelas enfermidades, sejam elas cármicas ou não. Do mesmo modo, não pode ter sua trajetória interrompida precocemente pela desistência de viver ou pela escassez de recursos íntimos para o enfrentamento dos desafios de manter a psique saudável.

Temos a convicção de que estamos vivendo a reencarnação em que mais estamos comprometidos em realizar um número cada vez maior de tarefas edificantes possíveis. Também por isso, esse precioso veículo físico foi projetado para



uma maior durabilidade nesses tempos de transição planetária (Luiz, 2003, cap. 13). Sim, maior duração, maior expectativa de vida, mais tempo de ação do fluido vital em nós! Mais longevidade com vitalidade (“longevidade”¹), e não apenas mais tempo improdutivo de vida.

Um tempo de vida suficientemente amplo para abarcar as demandas mais necessárias à nossa evolução moral e ética: é isso que estamos nos propondo a viver no aqui e agora. O risco que a humanidade corre, caso não desperte para a consciência crística, é o de apenas prolongar a vida e, paradoxalmente, desejar deixar a velhice de fora. [...]

Aproveite ao máximo essa oportunidade, para que esse conhecimento, disponibilizado na forma de um livro escrito por autores com respeitável bagagem de vivência espiritual, o encontre receptivo e desperto para a assimilação desses inestimáveis saberes.

1 Entendemos por “longevidade” não apenas viver mais, mas viver por mais tempo com propósito, lucidez, autonomia e capacidade de servir.

Referências

DENIS, Léon. **O grande enigma**. 16. ed. Brasília, DF: FEB, 2014.

DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor**. Brasília, DF: FEB, 2008.

DURGANTE, Carlos Eduardo Accioly; AGUIAR, Paulo Rogério Dalla Colletta de. Apresentação. In: DURGANTE, Carlos Eduardo Accioly; AGUIAR, Paulo Rogério Dalla Colletta de (org.). **A lucidez do Espírito: o envelhecimento e os desafios da psique**. Porto Alegre: Editora AMERGS, 2026.

DURGANTE, Carlos Eduardo Accioly; AGUIAR, Paulo Rogério Dalla Colletta de (org.). **A lucidez do Espírito: o envelhecimento e os desafios da psique**. Porto Alegre: Editora AMERGS, 2026.

LUIZ, André (Espírito). **Missionários da luz**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2003. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 3).

SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de. Prefácio. In: DURGANTE, Carlos Eduardo Accioly; AGUIAR, Paulo Rogério Dalla Colletta de (org.). **A lucidez do Espírito: o envelhecimento e os desafios da psique**. Porto Alegre: Editora AMERGS, 2026.



Lorena de Castro Diniz

Médica pediatra, alergista e imunologista; atua no Centro de Referência de Imunobiológicos Especiais e é preceptora da Residência de Pediatria do Hospital Estadual da Mulher (GO). Integra o Conselho Fiscal da AME-Goiânia.

Pensamentos, emoções e reações imunológicas

P Imunidade refere-se à capacidade de resistir a doenças, especialmente aquelas causadas por agentes infecciosos. O sistema imunológico, composto por células, tecidos e moléculas, é responsável por essa resistência, e a reação coordenada desses componentes contra microrganismos invasores é chamada de resposta imunológica. A função principal desse sistema é evitar infecções e eliminar aquelas que já estão presentes no organismo.

A importância desse mecanismo para a saúde fica evidente quando observamos que pessoas com respostas imunológicas deficientes são mais propensas a infecções graves, muitas vezes colocando em risco

suas vidas. Além de combater infecções, o sistema imunológico desempenha um papel crucial na prevenção do crescimento de alguns tipos de tumores e na regulação do surgimento de doenças autoimunes. O sistema imunológico também participa na eliminação de células mortas e no início do processo de reparo tecidual. A resposta imune é dividida didaticamente em:

- imunidade inata (a primeira linha de defesa) – é a proteção natural presente desde o nascimento. Atua bloqueando a entrada de microrganismos e eliminando rapidamente os que conseguem atingir os tecidos, representadas pelas barreiras físicas e químicas:

- pele e epitélios mucosos – trato respiratório, gastrointestinal e geniturinário;
 - células – fagócitos (como macrófagos e neutrófilos) que engolem e destroem patógenos;
 - receptores – utilizam receptores codificados na linha germinativa para reconhecer padrões moleculares associados a patógenos (PAMPs).
- imunidade adaptativa (a resposta específica) – é altamente especializada e desenvolvida ao longo da vida após a exposição a antígenos. Destaca-se por criar memória imunológica, tornando respostas futuras ao mesmo patógeno mais rápidas e eficazes. Está subdividida em:
 - imunidade humoral – mediada pelos linfócitos B, que se diferenciam em plasmócitos e produzem anticorpos capazes de neutralizar e eliminar toxinas e micróbios extracelulares;
 - imunidade celular – mediada pelos linfócitos T, responsáveis por destruir células infectadas por vírus ou bactérias intracelulares, além de ajudar a ativar outras células do sistema imune.
- A visão clássica do sistema imunológico como uma entidade autônoma deu lugar ao modelo integrado do eixo neuroimunoendócrino (Ader, 2007). O Sistema Nervoso Central (SNC), o sistema endócrino e o sistema imune comunicam-se de forma bidirecional por meio de uma rede de sinalização química.





O cérebro modula a resposta imune principalmente por duas vias: o eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA) e o Sistema Nervoso Autônomo (SNA) (Sternberg, 2006). Em resposta ao estresse, o eixo HPA estimula a liberação de glicocorticoides (como o cortisol), enquanto o SNA libera catecolaminas. Esses neurotransmissores ligam-se a receptores nos leucócitos, alterando a proliferação celular e a produção de citocinas, as quais modulam a resposta imune.

Para compreender a modulação psicológica, é preciso diferenciar as disfunções estruturais do sistema imune (Chapel *et al.*, 2014) em:

- imunodeficiências primárias – de origem genética, nas quais o indivíduo nasce com defeitos intrínsecos (ex.: Agamaglobulinemia de Bruton);
- imunodeficiências secundárias – resultam de fatores externos, tais como infecções (HIV), desnutrição, quimioterapia, imunossupressão terapêutica ou induzida por estresse crônico.

Tenho o hábito de dizer aos meus pacientes, de forma literal, que a cabeça manda no corpo, isto é, o pensamento atua diretamente no funcionamento do sistema imune ao agir como um “comando central” que regula a química interna e a integridade energética do organismo. Essa influência ocorre por meio de mecanismos biológicos e vibratórios que traduzem estados mentais em respostas celulares imediatas.

Conforme publicado no artigo de revisão “A fisiologia do estresse além do cortisol: o papel do eixo HPA na interface mente-corpo” (Moreira *et al.*, 2025), o cérebro funciona como um centro de comando que traduz pensamentos de ameaça ou medo em sinais bioquímicos por meio do eixo HPA:

- liberação de cortisol – pensamentos estressantes ou negativos ativam a amígdala, disparando uma cascata hormonal que culmina na liberação de cortisol pelas glândulas adrenais;

- imunossupressão – o excesso de cortisol atua diretamente nas células de defesa, diminuindo a proliferação de linfócitos (células T e B) e interrompendo a fabricação de anticorpos;
- células Natural Killer (NK) – o estresse mental reduz a atividade das células NK, que são responsáveis por identificar e destruir células estranhas ou cancerígenas, deixando o corpo vulnerável.

Carlson *et al.* (2015) compararam os efeitos de duas intervenções psicossociais para sobreviventes de câncer de mama *versus* o grupo-controle e observaram que a redução do estresse e o apoio emocional estiveram associados a uma tendência de manutenção do comprimento dos telômeros nessas pacientes. A atividade mental tem o poder de “ligar” ou “desligar” genes relacionados à imunidade, tais como:

- modulação inflamatória – práticas de atenção plena e pensamentos equilibrados podem reduzir a atividade do fator de transcrição NF- κ B, que regula genes pró-inflamatórios;
- manutenção celular – estados mentais positivos favorecem a manutenção dos telômeros (extremidades dos cromossomos), o que previne o envelhecimento precoce das células imunes e fortalece a longevidade biológica.

O sistema imunológico não é autônomo; ele responde a sinais do SNC. As células imunes possuem receptores para neurotransmissores como serotonina,

dopamina e norepinefrina. Assim, a qualidade do pensamento altera instantaneamente a “conversa” química entre o cérebro e as células de defesa.

A psiconeuroimunologia estuda como estados mentais alteram a competência imunitária (Kiecolt-Glaser *et al.*, 2002). Pensamentos associados a estresse crônico ativam persistentemente o eixo HPA. O excesso de cortisol resultante inibe a diferenciação de linfócitos auxiliares Th1, reduzindo a imunidade celular. Por outro lado, intervenções baseadas em *mindfulness* e estados mentais positivos reduzem os níveis de citocinas pró-inflamatórias (IL-6) e aumentam a atividade das células Natural Killer (NK) (Creswell *et al.*, 2016).

A Doutrina Espírita define o ser humano como uma unidade composta por três elementos essenciais: o Espírito (princípio inteligente), o corpo (envoltório material) e o perispírito (liame semimaterial que une os dois primeiros). Sob essa ótica, a saúde não é meramente a ausência de doença orgânica, mas o estado de harmonia do Espírito com as leis naturais. O corpo físico é um instrumento que recebe a marca das faculdades da alma, sendo o pensamento a força motriz que norteia os atos da vida.

Décadas antes da consolidação dessa ciência, a literatura espírita já detalhava esses mecanismos fisiológicos por meio da ação do pensamento sobre o perispírito e o corpo físico. Segundo a perspectiva espírita, o pensamento é uma força criadora eletromagnética que exterioriza energia da alma. No livro *Pensamento e vida*, Emmanuel (2013, cap. 2) ensina:

O pensamento é força eletromagnética. Pensamento, eletricidade e magnetismo conjugam-se em todas as manifestações da Vida Universal, criando gravitação e afinidade, assimilação e desassimilação, nos campos múltiplos da forma que servem à romagem do Espírito para as Metas Supremas, traçadas pelo Plano Divino.

Na obra *Evolução em dois mundos*, o Espírito André Luiz (2020a) reforça que o pensamento emite ondas de energia que influenciam diretamente o citoplasma celular. O benfeitor ainda afirma que o reflexo mental depressivo ou desequilibrado opera “vulnerabilidade nos centros celulares”, o que desorganiza as defesas orgânicas e abre espaço para a eclosão de patologias e infecções (imunodeficiência secundária induzida).

Já no livro *Missionários da luz*, André Luiz (2001) descreve, minuciosamente, como as emoções desalinhadas afetam a medula óssea e as glândulas endócrinas. O médico observa que o medo, a cólera e a mágoa crônica geram intoxicação fluídica, reduzindo a capacidade de produção dos glóbulos brancos e alterando a atividade linfocitária, antecipando o conceito moderno de imunossupressão por cortisol e catecolaminas.

Em contrapartida, as obras enfatizam que a prece, o otimismo e a renovação mental atuam como estímulos imunoterápicos naturais, restaurando o tônus vibratório das células de defesa, o que se alinha aos achados de Creswell *et al.* (2016) sobre o impacto positivo de práticas como o *mindfulness* no controle de citocinas inflamatórias.

O livro *dos Espíritos* (Kardec, 2008) descreve que a relação entre pensamento e imunidade também ocorre de forma indireta pelo intercâmbio com o plano espiritual.

Os Espíritos exercem uma ação incessante sobre o mundo moral e físico, atuando diretamente sobre o pensamento humano e corroborando esta síntese: na obra *Libertação* (Luiz, 2020b), observamos relatos de casos de obsessão grave, nos quais o encarnado é “drenado incessantemente em suas reservas psíquicas” pelas entidades que o acompanham, levando ao esgotamento e a patologias físicas complexas.

Na obra *Libertação* (Luiz, 2020b), aprendemos que o pensamento é uma emissão de energia da alma, uma “força criadora” que atua tanto no meio em que vivemos quanto no próprio organismo. André Luiz esclarece que a mente é um centro psíquico de radiação, funcionando como um gerador que inclina a comunidade de células vivas a seu serviço segundo a vontade do indivíduo. Quando o homem sintoniza sua vontade com a ideia de doença, ele estabelece “moldes estruturados pelo pensamento enfermiço”. Essa sugestão mental negativa determina a receptividade de regiões orgânicas específicas, atraindo entidades microbianas que se reproduzem no campo mental e passam a ocupar as células, culminando na enfermidade idealizada. Assim, o sistema imunológico, visto aqui como o conjunto de defesas plásticas do corpo, é diretamente influenciado pela qualidade das vibrações mentais.

Em resumo, a mente é um gerador de energia que inclina a comunidade de células vivas ao seu serviço. Pensamentos claros e edificantes emitem “raios transformadores e construtivos” que otimizam a defesa orgânica, enquanto o pensamento sombrio adoece o corpo e agrava os males do corpo já enfermo, comprovando assim a ação direta e indireta dos nossos pensamentos e emoções nas nossas reações imunológicas.

Referências

ADER, Robert (ed.). Psychoneuroimmunology. 4. ed. Elsevier, 2007.

CARLSON, Linda E. et al. Mindfulness-based cancer recovery and supportive-expressive therapy maintain telomere length relative to controls in distressed breast cancer survivors. *Cancer*, v. 121, n. 3, p. 476-484, 2015. Doi: <https://doi.org/10.1002/cncr.29063>.

CHAPEL, Helen et al. Essentials of Clinical Immunology. 6. ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2014.

CRESWELL, J. David et al. Alterations in Resting-State Functional Connectivity and Soluble Interleukin-6 in State Anxiety. *Biological Psychiatry*, v. 80, n. 1, p. 53-61, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2016.01.008>.

EMMANUEL (Espírito). Pensamento e vida. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 19. ed. Brasília, DF: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Brasília, DF: FEB, 2008. Disponível em: <https://www.olivrodosespiritoscomentado.com/qla1019-1.html>. Acesso em: 2 mar. 2026.

KIECOLT-GLASER, Janice K. et al. Psychoneuroimmunology: Psychological influences on immune function. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 70, n. 3, p. 537-547, 2002. Doi: <https://doi.org/10.1037//0022-006x.70.3.537>.

LUIZ, André (Espírito). Evolução em dois mundos. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília, DF: FEB, 2020a. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 10).

LUIZ, André (Espírito). Liberação. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2020b. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 6).

LUIZ, André (Espírito). Missionários da luz. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2001. (Coleção A Vida no Mundo Espiritual, 3).

MOREIRA, Lucas Martins; SOUZA, Rayssa Lara Ferreira de; TOLEDO, Laura Pinheiro de et al. A fisiologia do estresse além do cortisol: o papel do eixo HPA na interface mente-corpo. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 7, n. 12, p. 1.535-1.550, 2025. Doi: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n12p1535-1550>.

STERNBERG, Esther M. Neural regulation of innate immunity: a coordinated nonspecific host response to stress. *Nature Reviews Immunology*, v. 6, n. 4, p. 318-328, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1038/nri1810>.



www.amebrasil.org.br